

Distinções e aproximações: projetos de Análises do discurso

*Distinctions and approximations: discourse
analysis projects*

*Distinciones y aproximaciones: proyectos de
análisis del discurso*

RESUMO

Com vistas a responder à indagação “Quais as efetivas diferenças e semelhanças entre a análise do discurso materialista e a análise do discurso enunciativa?”, por meio do expediente de recenseamento dos principais elementos tanto da análise do discurso materialista quanto da análise do discurso enunciativa, tenciona-se apresentar um quadro segundo o qual será possível destacar não apenas as matrizes epistemológicas encerradas em cada uma das duas teorias do discurso, mas, sobretudo, quais as afinidades e discriminações existem entre tais projetos interpretativos do discurso. Para essa realização, mais adiante, algumas seções são dispostas na seguinte ordem; A análise do discurso materialista; A análise do discurso enunciativa: um cenário; e Aproximações e distinções consensuais. Como resultados, chegou-se a pelo menos duas grandes distinções, quanto ao sujeito e quanto ao traçado metodológico, já que esse é relativamente fixo, por seguir as cenas da enunciação, na análise do discurso enunciativa.

Palavras-chave: Análise do discurso; Análise do discurso materialista; Análise do discurso enunciativa.



Recebido em: 14 de outubro de 2024
Aceito em: 21 de dezembro de 2024
DOI: 10.26512/les.v25i2.55804

CADERNOS de LINGUAGEM & SOCIEDADE

Papers on Language and Society

Thiago Barbosa Soares

thiago.soares@mail.uft.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>

<https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>

Universidade Federal do Tocantins – UFT/
CNPq, Campus de Porto Nacional, Brasil.

ARTIGO

ABSTRACT

With a view to answering the question “What are the effective differences and similarities between materialist discourse analysis and enunciative discourse analysis?”, through the census of the main elements of both materialist discourse analysis and enunciative discourse analysis, The intention is to present a framework according to which it will be possible to highlight not only the epistemological matrices contained in each of the two theories of discourse, but, above all, what affinities and discriminations exist between such interpretative projects of discourse. For this purpose, further on, some sections are arranged in the following order; The analysis of materialist discourse; Enunciative discourse analysis: a scenario; and Consensual approximations and distinctions. As a result, at least two major distinctions were reached, regarding the subject and the methodological approach, since this is relatively fixed, as it follows the scenes of enunciation, in the analysis of enunciative discourse.

Keywords: Discourse analysis; Analysis of materialist discourse; Enunciative discourse analysis.

RESUMEN

Con miras a responder a la pregunta “¿Cuáles son las diferencias y similitudes efectivas entre el análisis del discurso materialista y el análisis del discurso enunciativo?”, a través del censo de los principales elementos tanto del análisis del discurso materialista como del análisis del discurso enunciativo, la intención es presentar un marco según lo cual será posible resaltar no sólo las matrices epistemológicas contenidas en cada una de las dos teorías del discurso, sino, sobre todo, qué afinidades y discriminaciones existen entre tales proyectos interpretativos del discurso. Para ello, a continuación se ordenan algunos apartados en el siguiente orden; El análisis del discurso materialista; Análisis del discurso enunciativo: un escenario; y Aproximaciones y distinciones consensuales. Como resultado, se alcanzaron al menos dos distinciones importantes, en cuanto al tema y al enfoque metodológico, ya que éste es relativamente fijo, al seguir las escenas de la enunciación, en el análisis del discurso enunciativo.

Palabras clave: Análisis del discurso; Análisis del discurso materialista; Análisis enunciativo del discurso.

Como citar:

SOARES, T. B. Distinções e aproximações: projetos de Análises do discurso. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 178-188, jul./dez. 2024. Disponível em: . Acesso em: XXX.

Correspondência:

Thiago Barbosa Soares

Rua XXX, número XXX, Bairro XXX, Cidade, Estado, País.

Direito autorial:

Este artigo está licenciado sob os termos da Creative Commons Attribution 4.0 International license
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sabe-se que, para além do senso comum, a interpretação é o próprio uso da língua e da linguagem. Com isso, estar inserido em uma comunidade linguística cujas trocas comportamentais, culturais e econômicas dá-se pelo aparato interpretativo situa os diversos empregos ofertados à interpretação no âmbito da inegável complexidade do circuito social. Segundo Todorov (2014), “Podemos enfim imaginar a ausência tanto de indícios particulares quanto de um princípio global que obrigue à interpretação – e que, entretanto, o sujeito não cessa de interpretar [...]” (Todorov, 2014, p. 43). Com esse horizonte desenhando, nos tempos mais recentes, nos quais a interpretação é considerada e refletida muito mais do que um processo de decodificação, muitas teorias emergiram para descrever os mecanismos de compreensão dos múltiplos aspectos envolvidos na produção e disseminação de sentidos. Algumas delas são: a teoria da enunciação, a pragmática, a linguística textual e as teorias do discurso.

São variadas as teorias do discurso, pois se leva em conta expressões de origem, autores nucleares e certos procedimentos metodológicos, no entanto, todas comungam de um valor comum ou pelo menos de um paradigma, a saber: o discurso é um produto social sem um dono e com direcionalidades abundantes de sentidos. Nesse traçado segundo o qual o discurso figura como um objeto de interpretação, dentre as teorias do discurso, duas, em especial, destacam-se pelas distinções e aproximações. Essas são a análise do discurso de base materialista¹, desenvolvida com base no materialismo histórico, e a análise do discurso de base enunciativa, cujo aparato analítico volta-se para procedimentos enunciativos. Quais, então, as efetivas diferenças e semelhanças entre esses projetos interpretativos?

Com vistas a responder à indagação acima e, por meio do expediente de recenseamento dos principais elementos tanto da análise do discurso materialista quanto da análise do discurso enunciativa, tenciona-se apresentar um quadro segundo o qual será possível destacar não apenas as matrizes epistemológicas encerradas em cada uma das duas teorias do discurso, mas, sobretudo, quais as afinidades e discriminações existem entre tais projetos interpretativos do discurso. Para essa realização, mais adiante, quatro seções são dispostas na seguinte ordem; **A análise do discurso materialista: um panorama**, na qual se traz os componentes mais destacados da análise do discurso materialista e suas necessárias explicações; **A análise do discurso enunciativa: um cenário**, na qual são apresentadas as peças-chave da análise do discurso enunciativa; **Aproximações e distinções consensuais**, na qual os principais elementos dos dois projetos interpretativos são examinados com vistas a compreender as eventuais semelhanças e diferenças ou mesmo encaixamentos. A última, **Considerações finais**, pesa-se,

¹ Este artigo é fiel tributário da perspectiva segundo a qual a Análise do Discurso quando marcada sua origem ou filiação, conforme explica Soares (2023a), é eurocêntrica, portanto, aqui, por meio de um ato de resistência, deixa-se conscientemente de fazer-se tal menção.

além do alcance do objetivo, o trajeto proposto e seus mais relevantes recursos comparativos apreendidos ao longo do artigo.

1. A ANÁLISE DO DISCURSO MATERIALISTA: UM PANORAMA

Para alcançar a propositura delineada para este estudo, volta-se, de maneira um tanto quanto panorâmica, para a constituição da análise do discurso materialista, cujo autor pioneiro de seus conceitos é Michel Pêcheux. Pautado na orientação althusseriana de sociedade, cuja vertente marxista compreende a macroestrutura em relação à microestrutura funcionando por meio de aparelhos ideológicos de Estado, fundamenta uma leitura distintiva da ordem da língua à ordem do discurso, em um movimento, explicado por Soares (2018a), de “retorno e a ultrapassagem a Saussure pretendida por Pêcheux” (Soares, 2018a, p. 51). Pêcheux concebe, a partir do hiato existente entre língua e fala (coletivo e individual) presente na formulação da linguística moderna de Saussure, o discurso, como instância unificadora do processo social de constituição dos sujeitos.

A concepção de discurso que Pêcheux adota refere-se ao processo por meio do qual os significados encadeados na produção da unidade textual formam efeitos frequentemente refratários à língua e fundamentalmente concernentes às condições de produção nas quais são gestados. Nessa toada, Pêcheux afirma ser o discurso “um “efeito de sentidos” entre os pontos A e B” (Pêcheux, 2010, p. 81, aspas do autor). Ora, de acordo com o próprio autor, “isto supõe que é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis” (Pêcheux, 2010, p. 81). Aqui, com relação à definição de discurso, que demanda um elemento analítico conjugado com a materialismo histórico, e ao “conjunto de discursos possíveis”, cuja determinação descritiva também se dá por meio de outro expediente interpretativo, tem-se a disposição de três conceitos operacionais, condições de produção, formações imaginárias e formações discursivas.

As condições de produção subsidiam o processo de fabricação de sentidos, dando-lhes a densidade histórica de seu lastro social. Nessa orientação dialética, compreende-se que o discurso necessariamente precisa ser confrontado com suas condições de produção, ou seja, a historicidade a partir da qual os sentidos acarretam efeitos. Por sua vez, a exterioridade do dito traz para o texto características “semântico-retóricas” (Pêcheux, 2010, p. 78) do processo de produção dos sentidos colocado em jogo quando de sua enunciação. Isso porque, para além do uso da linguagem, os sujeitos participam simbolicamente da construção do dizer. Em outros termos, as condições de produção são inevitavelmente duas, uma da ordem sócio-histórica, outra da ordem dos mecanismos disponíveis mediante os usos concretos da língua. Diante dessa perspectiva na qual se encontram as condições de produção, Orlandi (2011) diz que “Em um discurso, então, não só se representam os interlocutores, mas também a relação que eles mantêm com a formação ideológica” (Orlandi, 2011, p. 125).

No interior das condições de produção, encontram-se fatores externos e internos ao discurso, ainda que essa divisão não seja estanque e absoluta, ambos dialogam entre si, como se pode perceber na constituição das formações imaginárias, cuja virtualização das relações sociais faz-se sentir na materialização dos discursos. Nesse direcionamento, não é possível deixar de submeter-se ao funcionamento discursivo das formações imaginárias. Posto tais trilhos acerca das características dessa noção operacional, Orlandi (2009) afirma, sobre as formações imaginárias, que “Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte” (Orlandi, 2009, p. 39). Em vista dessa prática fundamentada no dispositivo sociocultural das relações de força, pode-se afirmar, então, que as formações imaginárias, para ser depreendidas em seu caráter dinâmico no interior da estrutura discursiva, carecem da compressão de que funcionam como cálculos que os sujeitos necessariamente realizam ao entrar em processos comunicativos.

Conforme Soares (2020), as formações ideológicas e as formações imaginárias estão ligadas ao produzir sentidos, ou melhor, a definir concepções relativamente evidentes acerca de certo dado, concomitantemente, dissimulam outras possibilidades de sentido para o mesmo dado” (Soares, 2020, p. 15). Por sua vez, tanto as formações ideológicas quanto as formações imaginárias estão inseridas na formação discursiva. Essa, como explica Pêcheux (2011), “determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de um pronunciamento, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.), a partir de uma dada posição numa dada conjuntura” (Pêcheux, 2011, p. 73, grifos do autor). Desse modo, a formação discursiva, que segundo a ótica dialética, funciona por oposição, tal como os atores integrantes do circuito social, também, como as condições de produção, sendo sempre plural, porquanto, para além de determinar os sentidos e seus efeitos segundo condições específicas, caracteriza a própria orientação geral do processo de dispersão de interpretações.

Dadas essas particularidades da formação imaginária, sua associação à formação discursiva dá-se por condições de produção do discurso, pois “A formação discursiva é caracterizada pelas marcas estilísticas e tipológicas que se constituem na relação da linguagem com as condições de produção” (Orlandi, 2011, p. 132). Portanto, no interior das condições de produção, a formação discursiva conduz as formações imaginárias, de tal modo que, essa contida naquela, estrutura-a e vice-versa. Assim, tais dispositivos interpretativos, entre outros contidos no arcabouço materialista, são empregados para analisar produções discursivas e, por meio de tal procedimento, é possível descrever, com graus de precisão, os elementos constitutivos dos sentidos e como esses se alastram pelo circuito coletivo produzindo efeitos. Dada a complexidade e fluidez do discurso, a operacionalização desses instrumentos, em um determinado recorte metodologicamente organizado, garante maior rigor no procedimento interpretativo, cuja responsabilidade em deflagrar os mecanismos de (re)produção dos discursos, num movimento, que, antes de tudo, é ético (Pêcheux, 2006), é do analista do discurso.

2. A ANÁLISE DO DISCURSO ENUNCIATIVA: UM CENÁRIO

Cabe, de saída, apontar o fato de que a análise do discurso enunciativa fundamenta-se em uma matriz teórica que se assemelha à análise do discurso materialista, mas não de maneira explícita e, sobretudo, menos dependente do materialismo como elucidativo do funcionamento social. Nesse direcionamento, pode-se caracterizar tal projeto interpretativo, também de origem francesa, como uma expressão conceitual e metodológica das vertentes de descrição e compreensão dos fenômenos envolvidos no discurso. Com isso traçado no horizonte inicial de discriminação da análise do discurso enunciativa, importa apresentar o que se pode considerar a principal arquitetura da noção de discurso, que deriva da própria definição de texto, para essa linha de estudos discursivos, qual seja, nas palavras de Maingueneau (2011, p. 85), “Um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada”.

A projeção discriminada da noção de texto e de discurso envolve a encenação que, por sua vez, desdobra-se por meio do circuito enunciativo um conjunto de cenas, segundo as quais “a fala é encenada”. Nesse horizonte delineado, as características gerais da cena enunciativa são tratadas a partir de suas três integrantes: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia (Maingueneau, 2011). Como os discursos, de maneira geral, são investidos de uma “autoridade conferida pelo seu estatuto enunciativo” (Maingueneau, 2008, p. 47) que os insere em uma formação discursiva que caracteriza sua tipologia e, portanto, são traduzidos na cena englobante, essa possui seus elementos, conforme Maingueneau (2008, p. 47) explica, “mais ou menos fechados em sua organização interna”. Em outros termos, a cena genérica compreende o gênero discursivo, ou seja, atua como um conjunto de regras (Maingueneau, 2011), definindo características que instituem o formato enunciativo de qualquer texto.

De acordo com Maingueneau (2015, p. 117), “o discurso pressupõe certo quadro, definido pelas restrições do gênero, mas deve também gerir esse quadro pela encenação de sua enunciação”. Nessa orientação, conforme o autor, “a cena englobante corresponde à definição mais usual de tipo de discurso que resulta do recorte de um setor da atividade social caracterizável por uma rede de gêneros de discurso” (Maingueneau, 2015, p. 118). Assim, o discurso, como uma construção social que se molda em um conjunto de gêneros textuais, sendo esses a materialização daquele em estruturas de composição relativamente estáveis, é um eco das diversas vozes em disputa no espaço coletivo que, por sua vez, dá as principais características de uma das cenas da enunciação, a cena englobante. Desse modo, a cena englobante viabiliza os traços mais amplos do processo discursivo presente em um dado texto, como na identificação de gêneros textuais, científico, publicitário, religioso, entre outros.

Um tanto distinta da cena englobante, encontra-se a cena genérica que se volta aos códigos validados para a fabricação dos gêneros discursivos, já que, por meio delas, tem-se um conjunto de ordenamentos internos à constituição do texto no qual a fala é encenada. Nas próprias palavras

de Maingueneau (2015, p. 120), “As cenas genéricas funcionam como normas que suscitam expectativas”. Com esse horizonte delineado, verifica-se que tais cenas genéricas ligam-se aos papéis que os enunciador e enunciatário recebem; ligam-se as finalidades explícitas e implícitas do texto; ligam-se ao lugar de veiculação no qual a cena da enunciação ocorre. Para além desses elementos discriminados acerca da formatação da cena genérica, há a própria formulação do texto segundo as características linguísticas determinadas pelo gênero discursivo, como temporalidade, modalidade enunciativa, entre outros elementos de construção.

Diante das duas cenas, emerge a cenografia que, ultrapassando as limitações constitutivas das duas cenas, englobante e genérica, resulta na apreensão de legitimação do processo enunciativo envolvido na encenação do texto. Segundo Maingueneau (2015, p. 123), “A noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar”. Quer dizer, entre outras coisas, que uma cena valida a outra por meio de seus próprios mecanismos enunciativos subjacentes e, com isso, a cenografia outorga legitimidade ao quadro cênico, composto pelas cenas englobante e genérica. Nessa perspectiva, Maingueneau (2015) afiança precisamente que a cenografia, em suas próprias, “Não é simplesmente um cenário; ela legitimamente um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cenografia da qual a fala vem é precisamente a cenografia requerida para enunciar como convém num ou noutro gênero de discurso” (Maingueneau, 2015, p. 123).

Da relação entre cena englobante, cena genérica e cenografia, encontra-se a performatividade projetiva, tanto física quanto psicológica, no processo enunciativo presente no quadro cênico, instituído pelas duas cenas da enunciação, do ethos. Para além da origem grega do termo e de suas funções anteriores à análise do discurso, o ethos. Assim, a atuação do ethos, por meio do desenvolvimento das cenas da enunciação, faz com que o jogo de expectativas entre enunciador e enunciatário prefigure como corporificação do primeiro em associação ao segundo. A imagem do enunciador criada por dispositivos enunciativos presente na encenação traduz o próprio funcionamento do ethos. Nesse horizonte, conforme elucida Maingueneau (2015), “O ethos está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público constrói também representações do ethos do enunciador antes mesmo que ele fale” (Maingueneau, 2008, p. 123). Portanto, consoante ao que Maingueneau (2020, p. 41) explica, “O ethos é, então, duplamente discursivo: pelo fato de acompanhar todo o uso do discurso, mas também porque o interesse a ele dedicado varia em função das condições da enunciação” presentes no texto.

3. APROXIMAÇÕES E DISTINÇÕES CONSENSUAIS

Cabe, nesta seção, apresentar uma discussão qualificada acerca das diferenças e semelhanças entre as duas vertentes de análise do discurso apresentadas anteriormente, a análise do discurso materialista e a análise do discurso enunciativa. Para uma melhor compreensão dessas

características, que não abarcarão a totalidade das aproximações e distinções, é necessário observar inicialmente as matrizes teóricas a partir das quais cada projeto interpretativo funda-se. Isso pode ser percebido na própria definição de discurso que, no viés materialista, é “um efeito de sentidos entre os pontos A e B” (Pêcheux, 2010, p. 81), já que, conforme uma descrição do processo que se volta para a representação virtual dos sentidos como efeitos, o discurso pressupõe os pontos A e B, sujeitos, cujo principal traço é justamente a oposição dialética entre um e outro. Já, no viés enunciativo, a arquitetura conceitual traça um encadeamento no qual “Um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada” (Maingueneau, 2011, p. 85). Dessa formulação, tem-se o discurso, em seu nível macro dimensional, voltando-se para o texto para lhe encenar um diálogo, cujo primado da enunciação marca a passagem de estruturas.

Destaca-se que, tanto um projeto interpretativo quanto o outro, compreende o discurso como participante do texto, mas não estando em sua totalidade aí, de maneira que para a análise do discurso enunciativa há nele uma encenação, realizada por meio de processos enunciativos e para análise do discurso materialista há uma transposição, ainda que parcial, das forças sociais para o seu interior. As cenas da enunciação marcam a disposição teatral do discurso no texto, independente de sua modalidade, fundamentando o aspecto linguístico, cuja especificidade é responsável por ancorar, de maneira simplificada, conteúdos, temporalidade, sujeitos, entre outros elementos existentes no texto. Nesse direcionamento, a passagem do discurso para o texto, segundo o viés enunciativo, traduz a expressão dos componentes da enunciação que, por sua vez, são representados conforme a possibilidade e necessidade do gênero no qual estão inseridos. Ora, como tal expediente não é diretamente mencionado na análise do discurso materialista, mas existe como perspectiva de investigação dos elementos linguísticos do texto, pressupõe-se que seu emprego seja factível e norteado por objetivos delineados pela análise em exames discursivos que se inscrevem sob o viés materialista.

Salienta-se que as matrizes epistemológicas distintas das duas vertentes de análise do discurso não são impeditivas para eventuais empréstimos calculados, para estudos que empreguem noções de ambos os campos, respeitando os devidos métodos que devem ser correspondentemente utilizados, para que se observe quais formações discursivas engendram tais e tais composições de cenas englobantes, cenas genéricas e cenografias. Com isso dito, não se deve inocentemente acreditar que deslocamentos sem os devidos cuidados são proveitosos ao sabor da aleatoriedade, uma vez que, consoante ao que foi visto, uma das principais distinções entre os dois projetos aqui abordados é o sujeito e, por conseguinte, o seu tratamento. A esse respeito, Maingueneau (1997) postula, ao iniciar os primórdios da análise do discurso enunciativa, “A AD prefere formular as instâncias de enunciação em termos de ‘lugares’, visando a enfatizar a preeminência e a preexistência da topografia social sobre os falantes que aí se inscrever” Maingueneau (1997, p. 32).

De acordo com Maingueneau (1997), a vertente materialista da análise do discurso volta-se para uma compreensão de sujeito identificado com sua produção discursiva, de tal modo haja um assujeitamento a uma ou mais formações discursivas por parte do sujeito. Como o próprio autor afirma, “Na realidade, para a AD, não é possível definir nenhuma exterioridade entre os sujeitos e seus discursos” (Maingueneau, 1997, p. 33). Ele ainda aduz: “A AD frequentemente recorreu à noção althusseriana de assujeitamento para designar a identificação de um sujeito a uma formação discursiva, mas ela pouco explicita o funcionamento deste processo” (Maingueneau, 1997, p. 49). Desse modo, verifica-se que o sujeito para a análise do discurso materialista é, para além do assujeitamento ao discurso, um efeito dos processos de produção de sentidos, consequentemente, ensejando um sujeito sem autonomia ou com essa reduzida às instâncias de uma determinada formação discursiva. Já a análise do discurso enunciativa² reconhece a imagem do sujeito produzida a partir das estratégias permitidas no interior da cena genérica, não atrelando necessariamente o sujeito responsável pela produção ao sujeito enunciado por meio das cenas existentes no texto. Nesse caso, tem-se a corporificação (Maingueneau, 1997) do enunciador interior como sua projeção àqueles que o leem ou o ouvem, sendo essa a simplificação da noção de ethos.

Quanto ao funcionamento do ethos no interior dos estudos do discurso, Soares (2023b) trata comparativamente tanto essa noção quanto a de formação imaginária, ambas pertencentes ao campo de atuação da análise do discurso – a primeira voltada à vertente enunciativa do discurso, a segundo voltada à vertente materialista –, sob a ótica da transformação interna de como certos princípios da linguagem são concebidos a ponto de alterar o funcionamento conceitual desses operadores analíticos e de como determinações históricas os remodelam. Ainda que nesta investigação não se tenha apontado para as formações imaginárias, cabe dizer que essas foram formuladas por Pêcheux já no início de seus escritos sobre análise do discurso, porém, depois de algumas revisões teóricas, o pesquisador retira-as, sob o pretexto de constituírem um expediente psicologizante na interpretação. Eis que a concepção de sujeito é revisitada mais uma vez como uma espécie de divisor de fronteiras, já que, sem grandes aprofundamentos, a visão materialista de discurso carece da compreensão de um sujeito, que precisa ser social ao mesmo tempo que discursivo, “preso” à estrutura do circuito coletivo ao qual pertence. Já o ethos, como produto da imagem do enunciador presente nas cenas da enunciação, volta-se a uma discriminação circunstancial do processo de construção de sentidos. Portanto, a vertente materialista de interpretação do discurso possui uma noção de sujeito, ao passo que a vertente enunciativa possui outra definição de sujeito.

² Interessa apontar o fato de que há entre a análise do discurso enunciativa e a hermenêutica tradicional uma conexão, ainda que somente qualitativa, no quesito segundo o qual explicita Schmidt acerca da hermenêutica: “Todo enunciado tem uma relação dupla com a totalidade da linguagem e com o todo o pensamento de seu originador” (Schmidt, 2014, p. 26-27).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto que o objetivo desenhado para este artigo, por meio do expediente de recenseamento dos principais elementos tanto da análise do discurso materialista quanto da análise do discurso enunciativa volta-se para a questão “Quais as efetivas diferenças e semelhanças entre esses projetos interpretativos?”, apresentou-se um quadro segundo o qual foi possível destacar não apenas as matrizes epistemológicas encerradas em cada uma das duas teorias do discurso, mas, sobretudo, quais as afinidades e discriminações existem entre tais projetos interpretativos do discurso. Nesse direcionamento, ressalta-se o caráter didático envolvido na redução dos principais conceitos de ambas as vertentes de estudo do discurso, de maneira a depender do grau de saber do leitor, este artigo não passe de uma breve exposição simplificada de dois grandes aparatos teórico-metodológicos.

Por ser o discurso o objetivo tanto de uma abordagem quanto de outra, é fácil e mesmo compreensível o equívoco de acreditar que ambas estão tratando do mesmo modo desse fenômeno social, pois descrevem para, com seus respectivos instrumentais, interpretar o funcionamento do discurso presente no texto alvo de exame. Ora, os arcabouços teóricos fundamentam, como foi possível verificar ao longo deste estudo, a formulação dos conceitos que, por sua vez, implica a diferenciação qualitativa entre a vertente materialista do discurso e a vertente enunciativa do discurso. A primeira manteve-se fiel o primado do sujeito assujeitado aos processos constitutivos do discurso, ao interdiscurso e seu complexo de formações discursivas, a segunda propõe uma restrição da análise discursiva aos recursos enunciativos disponíveis nas cenas enredadas no texto, trazendo o sujeito da enunciação como uma projeção de si, isto é, o *ethos*.

Diante do exposto, pode-se afirmar que o objetivo delineado para este artigo foi alcançado. Por essa razão, chegou-se a pelo menos duas grandes distinções, quanto ao sujeito e quanto ao traçado metodológico, já que esse é relativamente fixo, por seguir as cenas da enunciação, cena englobante, cena genérica, cenografia e *ethos*, na análise do discurso enunciativa. Já as aproximações referem-se à própria noção de discurso cuja amplitude ocorre similarmente nos dois projetos, sendo tanto que todo objeto analisado por uma vertente pode ser pela outra; ao emprego da enunciação gerenciadas pelos conceitos operacionais de cada perspectiva, em uma é obrigatória, na outra é opcional. Em outros termos, as aproximações e os distanciamentos de elementos da análise do discurso materialista e da análise do discurso enunciativa permitem algumas reflexões tanto acerca do sujeito quanto sobre o método nas teorias do discurso, uma vez que uma e outra disponibilizam recursos suficientes para a consecução de um processo interpretativo de alta qualidade. Portanto, independente da abordagem escolhida para uma investigação, é preciso ter no horizonte sua matriz epistemológica e *tutti quanti* seus instrumentais operacionais, como, por exemplo, aqueles aqui recenseados.

REFERÊNCIAS

- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. In: POSSENTI, Sírío; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez de (org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução Sírío Possenti. São Paulo, Parábola Editorial, 2015.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo, Parábola Editorial, 2020.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.
- ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 6 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução Bethania S. Mariani et al. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 75-116.
- PÊCHEUX, Miche. Língua, linguagens, discurso. In: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. (org.). **Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso**. Tradução Carlos Piovezani e Vanice Sargentini. São Paulo: Contexto, 2011. p. 63-75.
- SCHMIDT, Lawrence K. **Hermenêutica**. Trad. Fábio Ribeiro. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SOARES, Thiago Barbosa. Uma noção com dois fundadores: fundadores formação discursiva. **Capim Dourado: Diálogos em Extensão**, v. 1, n. 2, p. 45–64, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/capimdourado/article/view/5352>. Acesso em: 2 out. 2024.
- SOARES, Thiago Barbosa. **Composição discursiva do sucesso: efeitos materiais no uso da língua**. Palmas, TO: EDUFT, 2020.
- SOARES, Thiago Barbosa. Descolonizar a análise do discurso brasileira: um ensaio acerca da formação imaginária eurocêntrica. **Periferia**, v. 15, p. e74881, 2023a. DOI: 10.12957/periferia.2023.74881. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/74881>. Acesso em: 1 out. 2024.
- SOARES, Thiago Barbosa. Imaginary formation and discursive ethos: a symbiotic relationship in Discourse Analysis. **Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 22, n. 43, p. 43–59, 2023b. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/76917>. Acesso em: 14 out. 2024.
- TODOROV, Tzvetan. **Simbolismo e interpretação**. Tradução Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

O AUTOR

Thiago Barbosa Soares

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.